

QUESTÃO VII – DAS CIRCUNSTÂNCIAS DOS ATOS HUMANOS.

Em seguida devemos tratar das circunstâncias dos atos humanos.

E sobre esta Questão quatro artigos se discutem:

1. Que é circunstância;
2. Se as circunstâncias relativas aos atos humanos devem ser consideradas pelo teólogo.
3. Quantas são as circunstâncias;
4. Quais são as principais.

ART. I – SE A CIRCUNSTÂNCIA É ACIDENTE DO ATO HUMANO.

(Infra. q. 18, a . 3; IV Sent., dist. XVI, q. a . 1, q^a 1).

O primeiro discute-se assim. — Parece que a circunstância não é um acidente do ato humano.

1. — Pois, como diz Túlio¹, é pela circunstância que *a oração dá autoridade e firmeza à argumentação*. Ora, a oração dá firmeza à argumentação, sobretudo pelo que é substancial, como a definição, o gênero, a espécie e coisas semelhantes, com as quais, ensina ainda Túlio², o orador deve argumentar. Logo, a circunstância não é acidente do ato humano.

2. Demais. — É próprio do acidente existir no ser. Ora, tal não se dá como o que circunsta, que é antes exterior. Logo, as circunstâncias não são acidentes dos atos humanos.

3. Demais. — Não há acidente de acidente. Ora, os atos humanos já são acidentes. Logo, as circunstâncias não são acidentes dos atos.

¹ Rhetoricis, lib. I.

² In Topicis ad Trebat.

Mas, *em contrário*. — As condições particulares de uma coisa singular chamam-se acidentes, que a individualizam. Ora, o Filósofo diz³ que as circunstâncias são *particulares*, i. é, condições particulares dos atos singulares. Logo, elas são acidentes individuais dos atos humanos.

SOLUÇÃO. — Sendo os *nomes*, segundo o Filósofo⁴, sinais das coisas inteligidas, necessariamente, o processo de denominar há-de ser correlativo ao do conhecimento intelectual. Ora, o nosso conhecimento intelectual procede do mais para o menos conhecido; e por isso aplicamos os nomes das coisas mais conhecidas a significarem as menos conhecidas. Donde vem que, como diz Aristóteles⁵, das coisas situadas num lugar derivou o nome de distância para todos os contrários; e semelhantemente, usamos dos nomes relativos ao movimento local para significar outros movimentos, porque os corpos, circunscritos pelo lugar são os que mais conhecemos. Donde resulta ter-se derivado o nome de circunstância, das coisas situadas num lugar, para os atos humanos.

Ora, diz-se que circunstância, localmente, o que embora extrínseco a uma coisa, com ela tem contato ou dela se aproxima, localmente. Por onde, todas as condições exteriores à substância do ato e que, contudo, respeitam de algum modo o ato humano, chamam-se circunstâncias. Ora, o que é exterior à substância de uma coisa, mas que à coisa mesma pertence, chama-se acidente. Donde o se denominarem as circunstâncias acidentes dos atos humanos.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — A oração dá, certo, firmeza à argumentação, primeiro, pela substância do ato; e secundariamente, pelas circunstâncias dele. Assim, primeiro, torna-se acusável quem perpetrou um homicídio; secundariamente, porque o perpetrou com dolo, com fito de lucro,

³ III Ethic., lect. IV.

⁴ Lib. I Perith., lect. II.

⁵ X Metaphys., lect. V.

em tempo ou lugar sagrado, ou de modos semelhantes. E por isso diz Túlio, significativamente, que pela circunstância e como secundariamente, *a oração acrescenta a firmeza à argumentação*.

RESPOSTA À SEGUNDA. — De duplo modo se atribui o acidente a um ser. Porque neste existe como quando se diz que branco é acidente de Sócrates. Ou porque existem ambos, simultaneamente, no mesmo sujeito; assim, considera-se o branco como accidental ao músico, por convirem ambos e de certa maneira se tocarem, num mesmo sujeito. E deste modo é que as circunstâncias se chamam acidentes dos atos.

RESPOSTA À TERCEIRA. — Como já se disse, considera-se um acidente como pertencente a outro, pela conveniência de ambos, num mesmo sujeito, o que de dois modos pode dar-se. Ou por se fundarem eles nesse sujeito, sem nenhuma ordem — assim branco e músico, em Sócrates — ou, numa certa ordem, como quando o sujeito recebe um acidente mediante outro — assim, o corpo recebe a cor, mediante a superfície. Ora, de ambos esses modos, as circunstâncias se referem aos atos. Pois, umas, ordenadas para o ato, dizem respeito ao agente, sem mediação de nenhum outro ato, p. ex., o lugar e a condição da pessoa. Outras porem mediante o ato mesmo; assim, o modo de agir.

ART.II — SE AS CIRCUNSTÂNCIAS DOS ATOS HUMANOS DEVEM SER CONSIDERADAS PELO TEÓLOGO.

O segundo discute-se assim. — Parece que as circunstâncias dos atos humanos não devem ser consideradas pelo teólogo.

1. — Pois, os atos humanos não são considerados pelo teólogo senão enquanto qualificados, i. é, enquanto bons ou maus. Ora, as circunstâncias não podem qualificá-los, porque nenhuma coisa é qualificada, formalmente falando, pelo que lhe é exterior, senão pelo que nela existe. Logo, as circunstâncias dos atos não devem ser consideradas pelo teólogo.

2. Demais. — As circunstâncias são acidentes dos atos. Ora, um mesmo ato tem infinitos acidentes, e por isso, como diz Aristóteles⁶, *nenhuma arte ou ciência, senão só a sofística, se ocupa com o ente accidental*. Logo, o teólogo não tem que considerar as circunstâncias dos atos humanos.

3. Demais. — Considerar as circunstâncias pertence ao retórico. Ora, a retórica não é parte da teologia. Logo, a consideração das circunstâncias não pertence ao teólogo.

Mas, *em contrário*. — A ignorância das circunstâncias causa o involuntário, como diz Damasceno⁷ e Gregório Nisseno (Nemésio)⁸. Ora, o involuntário escusa da culpa, cuja consideração incumbe ao teólogo. Logo, também a este incumbe a consideração das circunstâncias.

SOLUÇÃO. — As circunstâncias pertencem à consideração do teólogo por tríplice razão. — A primeira é que o teólogo considera os atos humanos enquanto por eles o homem se ordena à beatitude. Ora, tudo o que se ordena ao fim deve a este ser proporcionado. Ora, o ato é proporcionado ao fim por uma certa comensuração mediante as devidas circunstâncias. Por onde, a consideração das circunstâncias pertence ao teólogo. — A segunda é que o teólogo considera os atos humanos enquanto há neles bem e mal, melhor e pior; e isto se diversifica pelas circunstâncias, como a seguir se verá. — A terceira é que o teólogo considera os atos humanos, quanto à qualidade que têm de meritórios ou demeritórios e para o que é necessário, sejam voluntários. Ora, o ato humano é julgado voluntário ou involuntário, conforme o conhecimento ou ignorância das circunstâncias, como já se disse (q. 6 a. 8). E, portanto, a consideração das circunstâncias pertence ao teólogo.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — O bem ordenado a um fim e que se chama útil importa numa relação; por onde, diz o

⁶ VI Metaph., lect. II.

⁷ Lib. II Orthod. Fid., cap. XXIV.

⁸ Nemesius, lib. De natura hom., cap. XXXI.

Filósofo⁹ que, no que é relativo, o bem é o útil. Ora, chama-se relativo não só o existente em outro ser, mas também o que é extrínseco, como bem se vê no que é direito e esquerdo, igual ou desigual e atribuições semelhantes. Por onde, a bondade, existindo nos atos enquanto úteis ao fim, nada impede sejam considerados bons ou maus enquanto proporcionados a algo extrínseco.

RESPOSTA À SEGUNDA. — Os acidentes que se comportam absolutamente como tais fogem a qualquer arte, pela sua incerteza e infinidade. Mas tais acidentes não desempenham a função de circunstâncias porque, como já disse, estas, embora exteriores ao ato, dizem-lhe contudo respeito de certo modo, como ordenadas que são para ele. Porém, os acidentes, em si, caem sob o domínio da arte.

RESPOSTA À TERCEIRA. — A consideração das circunstâncias pertence tanto ao moralista e ao político como ao retórico. — Ao moralista, enquanto que por elas se atinge ou não o meio termo da virtude, nos atos humanos e nas paixões. — Ao político e ao retórico, porém, enquanto que pelas circunstâncias os atos se tornam escusáveis ou acusáveis. De modo diverso, contudo; pois, ao passo que o retórico persuade, o político discerne. — ao teólogo, enfim, a quem servem todas as outras artes, pertence considerá-las, de todos os modos referidos. Pois, com o moralista considera os atos virtuosos e viciosos; e com o retórico e o político os considera enquanto merecem pena ou prêmio.

ART. III — SE AS CIRCUNSTÂNCIAS ESTÃO CONVENIENTEMENTE ENUMERADAS NO TERCEIRO LIVRO DAS ÉTICAS DE ARISTÓTELES.

(IV Sent., dist. XVI, q. 3, a . 1, q . 2, 3, De Malo, q. 2, a . 6; III Ethic., lect. III).

O terceiro discute-se assim. — Parece que as circunstâncias estão inconvenientemente enumeradas no terceiro livro das *Éticas de Aristóteles*.

⁹ I Ethic., lect. VI.

1. — Pois, chama-se circunstância de um ato, o que a ele se refere, exteriormente. Ora, tais são o tempo e o lugar. Logo, há só duas as circunstâncias, a saber, *quando e onde*.

2. Demais. — Das circunstâncias se deduz o que é bem ou mal feito. Ora, isto diz respeito ao modo do ato. Logo, todas as circunstâncias se incluem numa, que é o *modo de agir*.

3. Demais. — As circunstâncias não pertencem à substância do ato mas sim às causas mesmas do ato. Logo, nenhuma circunstância deve ser deduzida da causa do ato. E portanto, nem *quem* age, nem *a causa por que se age*, nem *o a respeito de que se age* são circunstâncias: pois, *quem* age se considera como causa eficiente: *a causa por que se age*, como final; e *o a respeito do que se age*, como material.

Mas, *em contrário* é a autoridade do Filósofo no terceiro livro das Éticas, em Questão.

SOLUÇÃO. — Túlio, na sua *Retórica*, ensina sete circunstâncias, contidas no seguinte versículo:

Quem, o que, onde, com que auxílios, porque, de que modo, quando.

Pois devemos consideras quem fez os atos, com que auxílios ou instrumentos os fez, o que fez, onde fez, porque fez, de que modo fez, e quando fez. Aristóteles¹⁰, porém, acrescenta a circunstância *a respeito de que*, que Túlio compreende em *o que*.

E a razão desta enumeração pode se fundamentar da maneira seguinte. Chama-se circunstância o como que existente de modo exterior à substância do ato, mas de certo modo o admitindo. O que de tríplice modo pode dar-se: atingindo o ato, em si; atingindo-lhe a causa; atingindo-lhe o efeito. O ato, em si é atingido a modo de medida, como o *tempo* e o *lugar*; ou a modo

¹⁰ III Ethic., loc. cit.

de qualidade, como o *modo de agir*. Atinge o efeito, como quando se considera o *que* alguém fez. A causa, se é final, a ela se refere o *por causa do que* se age; se é material ou objeto a esta se refere o *a respeito do que* se age; se é a causa do agente principal, a ela se refere *quem* fez; se é a causa do agente instrumental, a ela se refere o *com que auxílios* fez.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — O tempo e o lugar circunstanam ao ato, a modo de medida; outras circunstâncias há porém, que atingem de qualquer outro modo, existindo exteriormente à substância dele.

RESPOSTA À SEGUNDA. — O modo de ser bom ou mal não é considerado circunstância, mas, conseqüente de todas as circunstâncias. É considerado porém como circunstância especial o modo pertencente à qualidade do ato; p. ex., se alguém anda veloz ou retardamente; se alguém fere forte ou brandamente e assim por diante.

RESPOSTA À TERCEIRA. — A condição da causa da qual depende a substância do ato não é considerada circunstância, mas condição adjunta. Assim como não se considera circunstância o ser alheio o objeto furtado. — o que pertence à substância do furto — mas, o ser grande ou pequeno. E o mesmo se dá com as outras circunstâncias atinentes às outras causas. Pois, o fim, que especifica o ato, não é circunstância, mas sim, o fim adjunto. Assim, não é circunstância se o forte age corajosamente por causa do bem que é a fortaleza; mas, se age corajosamente para a libertação do Estado, do povo cristão ou de modo semelhante. E o mesmo se dá como o que respeita *ao que* se faz; assim, se alguém, derramando água, lava outrem, isso não é circunstância da ablução; mas, sim, se, lavando resfria ou aquece, sana ou faz mal.

ART. IV — SE SÃO CIRCUNSTÂNCIAS PRINCIPAIS A CAUSA POR QUE SE AGE E O EM QUE SE REALIZA A OPERAÇÃO.

(IV Sent., dist. XVI. Q. 3, a . 2, q. 2; III Ethic., lect III).

O quarto discute-se assim. — Parece que não são circunstâncias principais *a causa porque se age* e o *em que se realiza a operação*, como diz o Filósofo¹¹.

1. — Pois, o *em que se realiza a operação* parece ser o lugar e o tempo, que não são circunstâncias principais por serem o que há de mais extrínseco ao ato. Logo, o *em que se realiza a operação* não é a principalíssima das circunstâncias.

2. Demais. — O fim é extrínseco ao ser. Logo, não é a principalíssima das circunstâncias.

3. Demais. — O que é principalíssimo, num ser, é-lhe a causa e a forma. Ora, a causa do ato, sem si, é a pessoa agente; e a forma do ato é o seu modo. Logo, estas duas circunstâncias são as principalíssimas.

Mas, *em contrário*, diz Gregório Nisseno (Nemésio)¹², que as circunstâncias principalíssimas são o fim e o objeto da ação.

SOLUÇÃO. — Propriamente humanos, como já se disse (q. 1 a. 1), são os atos voluntários. Ora, o motivo e o objeto da vontade é o fim. E portanto, a principalíssima de todas as circunstâncias é a que constitui o fim do ato, que é a razão por que se age; e secundária é a que atinge a substância do ato, i. e, aquilo que se fez. Ao passo que as outras circunstâncias são mais ou menos principais enquanto mais ou menos se aproximam das primeiras.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Pelo *em que se realiza a operação* o Filósofo não entende o tempo e o lugar, mas aquilo que se adjunge ao ato mesmo. Por onde, Gregório Nisseno, como que expondo o dito do Filósofo, em lugar da expressão deste — *em que se realiza a operação* — diz — *aquilo que é feito*.

¹¹ III Ethic., lect. III.

¹² Nemesius, lib. De Nat. Hom., cap. XXXI.

RESPOSTA À SEGUNDA. — O fim, embora não seja da substância do ato, é contudo a causa principalíssima dele, enquanto leva o agente a agir. E é por isso que o ato moral se especifica, sobretudo, pelo fim.

RESPOSTA À TERCEIRA. — A pessoa agente é causa do ato, enquanto movida pelo fim, e então ordena-se ao ato principalmente. Ao passo que as outras condições da pessoa não se ordenam assim, principalmente, ao ato. E o modo também não é a forma substancial do ato, que lhe é relativa ao objeto e ao termo ou fim; mas é uma como qualidade accidental dele.